

Dados de catalogação bibliográfica: Mendes, S.D. (Org.) (2012). *Cronicando 2*. Buenos Aires: Centro de Língua Portuguesa/Instituto Camões Buenos Aires.

Título: Cronicando 2

Organização: Sónia Dias Mendes

Edição: Centro de Língua Portuguesa/Instituto Camões Buenos Aires

Data: Junho de 2012

Local: Buenos Aires, Argentina

Centro de Língua Portuguesa/Instituto Camões Buenos Aires

Carlos Pellegrini 1515

Buenos Aires - CF

Argentina

info@institutocamoes.org.ar

Edição financiada por:

Instituto Camões, I.P.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Portugal

www.instituto-camoes.pt



ÍNDICE

<i>Prefácio por José Luís Peixoto (Mini-crónica ou micro-prefácio)</i>	3
Leandro e Gustavo (Alejandro Caramia).....	5
Queridíssima Mãe (Alejandro Leanza).....	7
O amor dos animais (Analía da Silva).....	9
Agradeço-te (Andrea Levitt).....	11
O desencontro (Cintia Gomez).....	12
As coisas da vida (Federico Polastri).....	13
Diário de um casal (Fernanda Flores).....	15
Leandro e Gustavo (Guillermo Jiménez).....	16
Como se o orvalho te houvesse beijado (Ignacio Spina).....	18
Adivinha adivinhador (Iván Vilano)	21
Guilherme e Leopoldina (Lara Araújo Silva).....	24
A arte de pedir e o costume de dar (Leonardo Garizzio).....	26
Como se o orvalho te houvesse beijado (Liliana Bustos).....	28
A casa das palavras (Marcela Gil).....	30
Os computadores e eu (María Celeste Aguirre).....	32
Ratinhos de chocolate (María Eva Parisi).....	33
Criado mudo (Mónica Rososchik).....	35
Uma cerveja (Paula de Aloysio).....	36
Diário de um casal (Romina Heiber).....	38
A juventude de ontem vs. a juventude de hoje (Rosa da Silva).....	40
O fim do mundo (Santiago Ure).....	42
<i>Nota da Organizadora</i>	44

MINI-CRÓNICA OU MICRO-PREFÁCIO

A memória é uma crónica que contamos a nós próprios. Mesmo sem uma linha escrita, escolhemos um ponto de vista, escolhemos um tom de voz e contamos a nós próprios aquilo que vimos ou aquilo que imaginámos que vimos, refletimos com base nessa observação e tiramos conclusões que, mais tarde, irão servir para construirmos a nossa visão do mundo. É, já se sabe, a maneira como formos capazes de ver o mundo será fundamental para planearmos as escolhas que fizermos na vida e, no fundo, para a perfeccionarmos. É perfeccionar a vida é uma atividade muito comparável a vivê-la.

É num nível intenso de perceção que se escolhe um tema entre todos os temas que a existência oferece, que se escolhe um episódio entre todas as experiências possíveis, que se escolhe uma folha de papel limpinha e se começa a escrever. Dar esse passo é sinal de uma coragem que, muito depois, quando se assiste ao resultado já pronto, só se pode agradecer. Essas folhas escritas são a prova de que se esteve vivo e atento, estarmos aqui não nos passou ao lado, todos os sentidos estavam despertos.

As páginas que se seguem são uma excelente amostra deste género. Nestas crónicas, encontram-se as pequenas e as grandes questões: as embirrações quotidianas e o amor incondicional, o programa de televisão da hora de jantar e o horizonte. Existem também muitas das formas possíveis, desde o texto com uma estrutura mais tradicional – princípio, meio, fim – às construções mais experimentais ou líricas. É, em todos eles, os outros e nós próprios, a vontade de entendê-los e de nos entendermos – o encontro.

Além disso, como português, não posso deixar de assinalar o quanto me tocou que, a tantos quilómetros de onde estou, este livro fosse escrito na língua que a minha mãe me ensinou. Após esta leitura, percebe-se que esta língua já vos pertence.

José Luís Peixoto
Junho de 2012

ALEJANDRO CARAMIA

LEANDRO E GUSTAVO

Segunda-feira, oito horas da manhã, o Gustavo acordou como todos os dias. O Leandro, o seu parceiro (in)fiel(?), ninguém tinha certeza disso, já tinha saído uma hora antes. O domingo tinha sido cansativo, tinham visitado as suas famílias; com a dele, bem cedinho, tomaram café da manhã e com a do Leandro, estiveram na hora de jantar. Deitaram-se muito tarde, mas o Leandrinho tinha acordado à hora de sempre, tinha tomado banho, tinha se vestido, tinha jogado toda sua roupa do armário para a cama (ainda bem que de seu lado), tinha deixado molhado todo o chão do banheiro e tinha ido embora do apartamento sem desligar a luz do quarto, como ele fazia sempre!, negócio que todo mundo detesta e ainda mais o Gustavo, principal vítima.

Porque ele fazia sempre o mesmo! Tinha falado para ele pelo menos dez vezes na última semana. Desse jeito era impossível conviver. Gustavo, já em pé, decidiu tomar seu café amargo, como tinha a sua alma naquele momento, e depois arranjar aquela bagunça.

Por onde começava? Se secava primeiro o chão do banheiro era uma tolice, porque ia tomar banho daí a pouco. Melhor era começar com a roupa. O Gustavo pegou da cama as camisas do amado, umas calças, umas meias sujas para arrumar aquilo e de súbito topou-se com umas cuecas roxas que nunca tinha visto!

Já aconteceu coisa semelhante na sua vida? Na minha, por enquanto, não. Se você pensa que eu tenho uma cueca roxa ou que eu descobri uma cueca ou calcinha forasteira, caro leitor, para evitar mal-entendidos, a resposta é: nenhuma das duas. Porém, se você foi vítima ou vitimário de uma coisa assim, encaminhe sua história para meu endereço de correio eletrônico para eu fazer mais uma crônica com isso, obrigado.

Bom, o Gustavo enfurecido bateu na porta do armário com força extrema e quebrou a débil madeira. Ia matar essa merda e o dono dessas cuecas cafonas! (desculpe as palavras, mas aconteceu).

A sorte fez com que a Sonics telefonasse para ele nesse momento. Tinha que contar para ela, porque ela era sua amiga fiel, sua amiga do coração, ela ia entender e saber aconselhar. Estava desiludida, não sabia o que pensar nem dizer. O Leandro sempre tinha sido um rapaz bonito e até tivera certos gestos e avanços um pouco estranhos para com ela, mas ela nunca quisera dizer para o Gustavo.

Ele estava morrendo por dentro mas primeiro ia matar aquela merd...! (não vou repetir, acho que você entendeu o significado daquilo que falta). Mas ele devia continuar e não se matar,

tinha que lutar pelo menos por ela; Sonics, boa conselheira, era ainda muito importante para ele, fazia parte de sua vida.

Conversaram, confortaram-se verbalmente por uma hora e depois desligaram a conversa telefônica. A raiva diminuiu por um tempo, porém, as trevas cobriram o dia e o Gustavo e o Leandro encontraram-se... Não houve gritos e ninguém reparou no que tinha acontecido no apartamento deles até o dia seguinte.

Nessa noite, o azar fez com que a Sonics marcasse o número errado e ligasse para uma casa da rua da Constituição. Não insistia, era uma mexeriqueira, não era assunto dela!

Terça-feira, oito horas da manhã, a Sonics comprou o jornal, leu a manchete e caiu desfalecida no chão. Em um apartamento da esquina das ruas da Firmeza e da Alegria, a firmeza da faca acabava com a alegria de um casal.

2010

ALEJANDRO LEANZA

QUERIDÍSSIMA MÃE

A avó quer cuidar o neto – meu filho – só às vezes. A gente deixa.

A avó quer levar o neto à escola, algumas vezes. A gente aceita.

A avó quer se encarregar de preparar o almoço para o neto, somente alguns dias no mês. A gente concorda.

A avó propõe levar o neto ao zoológico, ao jardim botânico, ao cinema ou ao teatro, e acabar o passeio jantando em casa dela, mas só em algumas ocasiões. A gente primeiro duvida, porém, depois consente.

A avó decide aumentar a frequência de suas visitas à casa do neto – minha casa – porque quer acompanhar, na medida do possível, o crescimento do menino. A gente permite, visto que a avó vai envelhecer, e, justamente com as complicações inerentes à velhice, é possível que ela não consiga ver o neto crescer. No entanto, a avó já fez oitenta e seis anos e sua saúde é bem melhor que a da gente.

Portanto, a avó agora leva o neto à escola todas as segundas-feiras.

No mês seguinte, a avó acrescenta a elaboração do almoço, nas quartas-feiras. A avó agora está presente em casa dois dias na semana.

No mês seguinte, à ida para a escola e à preparação do almoço, soma-se o passeio semanal. Agora, já temos a avó em casa três dias por semana.

Então, para simplificar sua vida, a avó traz para casa – nossa casa – parte de sua roupa, sua escova de dentes e alguns elementos para costurar. A avó diz agora que ninguém poderá se encarregar da atenção do neto como ela. A gente pede para a avó reconsiderar semelhante esforço. Ela, outra vez, ninguém poderá se encarregar do Marco como eu. A gente deixa. É ótimo contar com uma avó tão bem disposta.

Mas, claro, depois de três meses dedicando três dias da semana à atenção do neto, a avó começa a notar que o compromisso é demais e que não lhe resta tempo para si. Então, um dia qualquer, saindo da casa do neto para ir à sua, a avó tropeça e cai na calçada. Apesar de uma leve contusão, ela continua seu caminho. A avó chega em casa – sua casa – e liga... Você não sabe o que aconteceu comigo quando saí de tua casa... Dei um golpe numa perna... Mulher, me diga, por que não voltou em casa...? Nada disso, filho, eu estou tão cansada... Queria chegar e pronto.

E aí tudo muda. A avó, de súbito, abandona o barco e a gente tem que procurar, rapidamente, alguém que a substitua naquelas tarefas que ninguém faria melhor do que ela.

Nós somos os culpados. O erro consiste em nos deixarmos invadir por desejos alheios, sejam eles de quem forem. As decisões sobre a vida dos filhos é responsabilidade exclusiva dos pais e nada deve interferir em relação a elas. E a comodidade não é, às vezes, tão cômoda assim...

Apesar disso, mamãe continua visitando a gente, agora uma vez na semana. Coitada da velhinha... Linda.

2011

ANALÍA DA SILVA

O AMOR DOS ANIMAIS

Eu amo os animais, principalmente os cachorros, eu os adoro ou deveria dizer os adorava? Não! Eu amo os animais apesar dele! Sim, ele, ou como eu o chamo, o elo perdido de Darwin, ele, que foi concebido em uma orgia romana, sim ele, quem minha mãe batizou de Tobito.

Lembro muito bem o dia que minha irmã me ligou e me disse que tinha comprado um cachorro para meu sobrinho

(Ani, comprei um cachorro para Facundo! Ele é metade pequinês e metade chihuahua!)

eu não podia acreditar na mistura desse cachorro (histerismo puro). Você imagine os piores atributos desses adoráveis mamíferos e depois junte-os. O resultado é esse cão.

Como era de imaginar, o Tobito durou pouco na casa da minha irmã. Sim, sabiamente, minha irmã o exilou na varanda, onde o meio quilo de maldade quebrava o que tinha ao seu alcance.

Um mês depois da chegada do Tobi, fomos deixar a minha irmã, meu cunhado e meu sobrinho na sua casa. Foi ali onde a tragédia grega começou. Foi amor à primeira vista.

(Adri, que lindo cachorro!)

Lindo? Você está brincando, mãe? É horrível e tem alguma coisa esquisita no olhar!

(Mãe, você gosta? Então leve. Eu já não posso tê-lo mais na varanda.)

Meu pai, sabiamente, disse: "Deixe esse cão, você já tem sete lá no campo". Logicamente, minha mãe ignorou, uma vez mais, meu pai, e levou a reencarnação do anticristo para sua casa. Eu só pensava no afortunada que era por morar sozinha!

Como todas as quartas-feiras, liguei para minha mãe para que não se preocupe comigo.

- Oi, quem fala? - Sou eu mãe! - Oi, Adri! (minha irmã e eu temos a voz muito parecida)
- Não, mãe é a Ani! - Oi, Ani! - Tudo bom por casa? Como que está... - O Tobito? Ele está super bem, dorme no sofá e quando sente frio vai para sua cama. - Dorme na minha cama? - Você já quase não usa. Você não sabe que lindo que está! Imagino que tua irmã não lhe dava de comer! Cumprimente ele! - Mãe estou no ônibus. - E qual é o problema? Cumprimente ele! - Mãe, eu não vou... - Cumprimente ele! - Mãe, eu disse... - Coitadinho, ele está aguardando! - Tobito, Tobito, Tobito! - Ele te cumprimentou, deu um beijinho no celular! - Ok, mãe, a gente se fala...
- Tá, tenho que desligar, o Tobito ainda não jantou! Tchau! (Tutututututu)

Sim, é triste, mas fui trocada por um cachorro, mas não só eu, minha família toda. Nessa semana, fui para casa da minha mãe e vi coisas tenebrosas. Vi como o filho do Diabo fazia xixi no sofá, enquanto era inculpado, injustamente, o cachorro do meu irmão, vi como dormia sobre minha roupa limpa, presenciei como usurpava minha cadeira, mas o pior foi quando fui dormir.

(Pode ser que o Tobito tenha frio e passe para sua cama.)

Esqueça! Não vou deixar que esse cachorro cheio de pulgas durma comigo!

02h00min o Tobito sobe na minha cama. 02h15min o Tobito começa a empurrar-me da cama. 08h00min acordo com o Tobito dormindo na minha cara. 08h01min minha mãe disse: "Você viu como gosta de ti".

Sim, é claro que minha mãe me trocou por esse cachorro feio, esse bote de lixo, esse cachorro que está me olhando com seus olhos tristes, esse cachorro que me beija a mão, esse, esse, esse cachorro é tão lindo!

É como diz meu pai: "Se não podes vencê-lo, finge que gostas dele".

2011

ANDREA LEVITT

AGRADEÇO-TE

Peço-te que ouças. Só levará um instante.

Solicito-te que olhes. Demorará apenas um minuto.

Suplico-te que repares. Somente precisas querer.

O mundo precisa de ajuda, grita e estoura em breves pedidos de esperança.

O mundo exige destes homens modernos, fáceis e rápidas soluções que possam serenar tantas incertezas.

O mundo procura horizontes brilhantes que possam iluminar as mentes dos mais jovens.

O mundo está cansado de tamanhas tragédias. De inexplicáveis e evitáveis catástrofes.

O mundo está desiludido com um homem que escolhe a cegueira. Um homem preguiçoso.

O mundo está triste por causa de tantas injustiças e guerras, epidemias e pandemias, discriminação e submissão.

O mundo está preocupado com o presente dos homens, das mulheres, das crianças, dos idosos, dos seres humanos. Está preocupado com você!

O mundo acontece hoje, não há amanhã, nem daqui a dez anos. O tempo não é uma unidade, é uma realidade.

O mundo precisa de ajuda, grita e estoura em breves pedidos de esperança. Breves, mas intensos, agitados, incansáveis e constantes pedidos de esperança.

Peço-te que ouças. Só levará um instante.

Solicito-te que olhes. Demorará apenas um minuto.

Suplico-te que repares. Somente precisas querer.

2009

CINTIA GOMEZ

O DESENCONTRO

Eu não sei se há mulheres que também fazem isto, mas os homens são peritos na matéria: esquecer os aniversários e datas importantes – obviamente que eles não as consideram significativas. O homem tem uma memória muito fraca, para eles, completar anos em janeiro ou em agosto é exatamente o mesmo, tanto faz, mas, claro, sempre que não sejam o aniversariante, ali eles lembram, e muito bem, da data. Em termos gerais, o gênero masculino esquece as datas, mas não é a única coisa, na verdade, eles esquecem tudo!

Se você, mulher, está com vontade de que ele faça uma tarefa na sua casa, consertar algum eletrodoméstico ou qualquer coisa que tenha que utilizar a mente para lembrar, eu recomendo que peça para outra pessoa ou faça você mesma, porque ele seguramente não vai fazer nada – ou vai querer fazer quando você já se encarregou pessoalmente do assunto.

O que acontece conosco, as mulheres? Bom, algumas podem esquecer certas coisas, mas o certo é que temos melhor memória do que eles. Nosso mecanismo de lembrança pode reter: datas, detalhes de coisas, momentos, as fofocas com amigas, a listagem do supermercado e até onde guardamos as coisas. Enquanto o homem, para esta última questão, perde minutos procurando por todos os lados o objeto perdido e pergunta gritando: “VOCÊ SABE ONDE ESTÃO AS CHAVES DO CARRO?!?!?” A mulher, que na vida do homem pode ser a mãe, a irmã, a namorada, a esposa, vai responder para solucionar esta missão: “Claro que sei, estão onde você as deixou”. E ali eles não vão saber o que dizer, porque, sinceramente, não voltariam a perguntar por orgulho, evitando, assim, passar por tolos.

Mas não queremos que os garotos fiquem zangados, eles servem para outras coisas, porque se o homem se lembrar do que foi dito pela mulher seguramente vai trabalhar duro para conseguir bons resultados, só que no momento em que elas falam, os homens não prestam atenção ou dizem estar cansados pela rotina.

Meu amigo disse, homem obviamente, que as mulheres lembram de tudo, porque são rancorosas. Na verdade, eu não sei, pode ser, mas o que é real é que eles muitas vezes precisam da nossa memória para fazer as coisas bem e, sobretudo, ficar bem, perante o seu amigo no dia do seu aniversário. Com isto, chego à conclusão que lembrar as coisas e mantê-las na memória não faz um bom casamento na mente dos homens.

2011

FEDERICO POLASTRI

AS COISAS DA VIDA

Crescer, estudar, trabalhar, rir, amar, transar, casar, chorar, desamar, envelhecer, morrer. É isso, Maria. São as coisas da vida. Não fiques assim sumida como uma estrelinha apagada no vasto céu. Podes sentar-te nessa cadeira. A vida está repleta de obrigações. A vida está repleta de emoções — só tens que aprender a compreender que elas são fugazes. Nada mais que isso. Nada é para sempre. Tudo acaba. Tudo chega ao fim para voltar a começar, quem sabe quando. De acordo, queres falar. Passo-te a palavra, minha filha¹

— Pois é

mas, então, por que continuas com essa carinha de nada, se já te contei os segredos da vida. Porque te afliges, meu encanto? Adivinhar os problemas que têm os filhos, às vezes, é mais difícil do que achar uma agulha no palheiro. Não te preocupes. Contigo acontece a mesma coisa? Todos passamos por isto. Acertei! Tiraste uma má nota na faculdade

— Não

agora sim. Estás preocupada porque o rapaz que me apresentaste no Natal passado, quando me vieste visitar pela última vez, te propôs casamento

— Nãooo! Te disse que encontrei esse filho da puta namorando com a Paula, uma das minhas melhores amigas

ah, não? Já não me lembrava que te tinhas separado dele. Pena que não funcionou a relação. Mas não quero que sofras com isso. Afinal, deves ficar feliz porque descobriste que ele não te merecia, meu pobre anjinho da guarda. Deixa-me pensar. Não digas nada ainda. Tenho um palpite. Vais mudar-te e precisas de dinheiro

— Mudei há pouco tempo, pai. Com a Lúcia, já não lembra?

certo. Às vezes, a memória dos velhos falha. Deves ter mais paciência comigo, pequena bonequinha de peluche. Já verás que o tempo é a pior das merdas deste mundo. O tempo estraga tudo: a cabeça, os ossos, a pele... Desculpa, querida filha, por te chatear com estas ideias obscuras que hoje me assediam. Depois da morte de tua mãe

— Mudou, pai

¹ O pai fala em Português Europeu e a filha em Português Brasileiro

sim, eu sei. Foi duro para mim continuar sozinho. E para quem não? Tu apenas conheces uma parte da história que vivemos

— Sempre diz o mesmo, pai

claro e nunca te conto a segunda parte da história. Juro que algum dia terei coragem para te contar como foi tudo

— Promessas e mais promessas

juro que desta vez não, meu amor. Vou enfrentar tudo o que tenho guardado no coração. Porque a mente esquece, mas o coração não. Por favor, sê boazinha e traz um copo de água fresca para o que resta do teu pai. Logo te conto. Sinto-me exausto agora

— Onde se pede, pai?

saindo do corredor à direita. Pergunta pela Dona Fernanda, que é a santa dos velhos aqui no asilo.

De repente, três golpes secos na porta do quarto n.º 22 acabaram com o monólogo de seu António frente ao espelho. Era Dona Fernanda avisando que sua filha acabava de chegar. Esperava no saguão ansiosa para ver seu pai.

2010

FERNANDA FLORES

DIÁRIO DE UM CASAL

<i>Maria</i>	<i>Manel</i>
<p>Olha, eu te digo que pode dar certo... Se chama Maria, é uma minha amiga do trabalho, essa que mora em Botafogo... Você não lembra dela? Mas como que não lembra? Safado! Esse teu amigo é que não é grande coisa, hem? Mas então, voltando ao assunto... Ela é uma menina muito boa, pessoa inteligente e tem tudo a ver com o estilo dele, você já vai ver. Aliás, acho que é exatamente o que ele precisa para fechar de vez aquela história que teve. Quanto tempo faz já que acabou? Olha só! E ainda choraminguando feito estúpido por essa loirinha sem graça? Safado! Vocês, homens, são todos iguais, todinhos! Meu plano é simples, nada de muito especial: a gente combina pra sair uma sexta-feira, por exemplo. Vamos jantar, vamos a algum concerto... tá bom, qualquer coisa, na verdade! Isso sim: nós quatro, apenas. Se for muita gente já não dá, porque começam a ficar todos separados e a ideia aqui é que eles se conheçam. Beleza, fica combinado, então? Você vai me ajudar? Vai ver que vai dar certo, são feitos um para o outro. É só dar chance de se conhecerem... Manda beijos pros tios. A gente se fala, então!</p>	<p>Sei... Sim... Não lembro dela, já confessei que não lembro. Acho que uma vez que era teu aniversário, a gente levou ela até casa. Tudo bem, não devia ser grande coisa, se não, eu lembrava. Pois, pois... Será por isso que você tá armando esta estratégia toda, né? Diz! Tá certo, priminha, eu entendo que ela pode ser ótima, mas não esquece que o Manel ainda não está querendo nada sério com ninguém. Você nem imagina quanto foi difícil para ele a sua última separação. Dois anos já... Ele gostava mesmo dessa menina e acontece que, de vez em quando, ainda falam. Olha, por acaso, dela sim lembro perfeitamente... Ó, vai lá! Era brincadeira! Qual é o teu plano, então? Hmm... Entendi. Bem, se você (enquanto organizadora) aprovar, podemos preparar um jantar em casa, eu cozinho. Sei fazer um frango ao molho de laranja que é uma delícia. Sem problema, para cinco ou seis pessoas eu cozinho. Se forem mais, já dá muito trabalho. Tá bom, priminha, entendi tudo e aceito ser teu cúmplice. Só quero que fique clara uma coisa para evitar reclamações depois: não garanto resultados com o Manel. Beijos, tchau.</p>

2008

GUILLERMO JIMÉNEZ

LEANDRO E GUSTAVO

Os domingos têm esse encantamento único, que não é comparável aos outros dias da semana. Os domingos são sinônimos de reflexão e repouso profundo, de passeios com namoradas, de almoços em família, de encontros com amigos, de caminhadas no shopping, etc. Eu tenho outra paixão, diferente das mencionadas (um tanto irracional diria meu querido amigo Leandro): o amor por Independiente, meu time de sempre. Sim, é assim, e o estádio "Libertadores de América", na cidade de Avellaneda, antigo polo industrial (anterior ao reinado de Carlos Saúl e suas políticas neoliberais), é meu lugar no mundo. Ainda não me atrevo a falar "o novo estádio" porque estou esperando que nosso excelentíssimo presidente possa terminar a obra de remodelação que lhe permitiu a sua reeleição. No possível, Senhor Julio C., tente que nota nenhuma caia inocentemente no seu bolso, é injusto que os sócios desconfiados pensem que sua máxima autoridade é capaz de algum ato de corrupção, por menor que ele seja. Alguém diria que tamanha obra sempre deixa alguma pequena gorjeta para o ideólogo; é melhor que roubem, mas que deixem algo.

Os leitores pensaram: que tem a ver o prazer dos domingos com este dirigente esportivo, corrupto e incapaz, que nem sequer é original nisso, e que não modifica em nada a nossa vida, e o país se funde e você tão passivo, falando só da bola e do destino do seu clube. Quanta superficialidade! Eu lhe diria quanta razão você tem, mas Independiente é muito mais que um simples clube, é a última vanguarda de um estilo contra o êxito e a eficácia a qualquer preço. Leandro me olha com certo descrédito quando eu digo isso, pensa que essas histórias são de outros tempos, quando o esporte era *amateur* e os jogadores defendiam as cores da sua camisa por anos. Eu discordo dele, somente para ver como as veias de raiva aparecem na sua face. Na verdade, depois de compartilhar cinco anos de estudo, eu conheço a maneira de fazê-lo zangar por bobearias. Ele é um cara bem extrovertido, exímio representante do "portenho de lei", soberbo para alguns, inseguro para outros, caminha com a firmeza de quem espera que a vida lhe ofereça algo do pouco que ele ainda não aprendeu. No entanto, ele é um amigo fiel, sempre com uma palavra de alento, embora não seja a correta.

A verdadeira amizade supera todo tipo de assimetria, controvérsias ou diferenças de pensamento; mais ainda, ela gosta de caminhar pela fina linha das coincidências porque ser amigos não é se comportar como gêmeos. Eu sou introvertido, calado, politicamente correto e uso vestimenta formal, faço pouco esporte, não assisto Tinelli, e adoro Capusotto. Apesar das

poucas semelhanças que há e seguirão havendo entre nós, temos o maior ponto em comum: a paixão pelo mesmo clube. Quando Independiente perde, continuamente, Leandro gosta de me atacar com a mesma lição de moral de sempre que não deveria ir mais, que são uns “mortos” que não merecem vestir nossa casaca, que a culpa é dos torcedores como você que não deveriam assistir os jogos até a situação mudar, mas não é assim, se eu e muitos mais não fôssemos ao estádio e não demonstrássemos nossa raiva, se não utilizássemos o poder da mídia que tudo registra, como é que a reclamação poderia ser ouvida? Por isso, fiquei surpreso quando Leandro disse:

- Quero assistir o jogo contra Boca no domingo. Gustavo, me consegue um tíquete?

Na verdade, não é que eu não queria que ele viesse, mas não é justo que um torcedor de amor adoçado tire a possibilidade de ter o seu ingresso a um torcedor fiel, que está presente tanto nas boas quanto nas más. No entanto, a amizade é assim, permite oferecer certos benefícios que não seriam dados em outras condições, e a outras pessoas. Apesar de tentar persuadi-lo, o melhor era que ele não viesse, sabia que a gente acreditava muito nas cabalas, e ele não tinha assistido jogo nenhum, não era coisa que..., ele não desistia no objetivo e, zangado demais, argumentava que não era um desses estúpidos que acreditavam nessas bobagens, não podia impedir sua vontade de conhecer o estádio (lembrem que ainda não falo de “novo estádio”), além disso, no seu último jogo ele viu Independiente campeão.

A data era o domingo, ele deveria chegar bem cedo porque o estádio estaria mais lotado do que nunca, não deveria adormecer, deveria ser responsável, não era que não tivesse confiança em ele, estava somente prevendo qualquer contingência. Era lógico que os ingressos esgotassem rapidamente, as chances de ser campeão estavam próximas, uma vitória e alguns resultados favoráveis em outros jogos possibilitariam a anelada consagração. O sorriso gigante de meu amigo quando ingressou ao estádio me transportou no tempo, até os anos nos quais eu ia da mão do meu pai, feliz, com o coração fervente, com os sonos mais nobres de uma criança.

O jogo começou favorável, em poucos minutos já estávamos ganhando 1 a 0. Foi o primeiro abraço de gol, as primeiras sacaneadas contra o rival, as ilusões que voavam pelo céu. Mas, como em todo filme, sempre há um anti-herói, um vilão que arruína a festa. Boca, em cinco minutos, passou a vencer 2 a 1 e, apesar de faltar ainda muito tempo, a vitória ficou do lado adversário, 3 a 2. O destino é assim, esquivo e triste, fica sempre na calçada oposta. Agora, a situação é completamente diferente: o time oscila nas últimas posições da tabela, com jogadores híbridos, a raiva constante da torcida contra o presidente e sua comissão diretiva, e a ausência de muitos fãs circunstanciais. Leandro não voltou ao estádio, ele espera um melhor espetáculo, acho que vai passar tempo até que eu decida convidar novamente o “pé frio” do meu amigo.

IGNACIO SPINA

COMO SE O ORVALHO TE HOUVESSE BEIJADO

Não sei o que estou esperando. Que você acredite novamente nos homens? Que você sinta mais uma vez vontade de combinar um encontro com um de nós? Ou que você fique nos odiando até desistir e virar freira – ou lésbica, se tiver coragem. Sei lá o que estou esperando... Acho que hoje me senti invadido de compaixão, o que me fez entender algumas coisas do sexo feminino e é por isso que resolvi escrever. Antes de recusar esse meu desabafo argumentando que minha natureza masculina não me permitiria jamais entender o pensamento de uma mulher, faço questão de afirmar que sei perfeitamente o que você sente. Definitivamente, a falta de entendimento do sexo feminino – que não pretendo colocar em questão – não explica os nossos atos egoístas.

Veja só: primeiro você tem de fazer o enorme esforço de fingir que não se interessa em saber o telefone do cara nem dar para ele o seu, e até ocultar a sua expressão de desespero virando em direção contrária ao sujeito com boca de acento circunflexo e olhos de travessão, enquanto ele lança para você cantadas pouco originais – que você adora, é claro.

Quando finalmente tua amiga se cansa de dançar sozinha e te oferece uma carona de volta para casa, você simula uma resolução forçada fazendo de conta que dá o telefone apenas para evitar a insistência dele te pisando os calcanhares no caminho à porta de saída da boate – mesmo suspeitando que ele sabia que você ia dar tarde ou cedo.

Já no carro, você começa a improvisar um interminável monólogo entusiasta em pretérito perfeito que relata a história que tua amiga já conhece e viu com seus próprios olhos. Ela apenas te responde que você nem conhece o rapaz e te aconselha para ter cuidado e não ficar tão entusiasmada antecipadamente – o que do teu ponto de vista pode até ser inveja, mas você evita dizer para não estragar a noite.

Chega em casa, tira a maquiagem (apenas para não manchar os travesseiros), fecha todas as janelas impedindo o avanço do menor raio de sol e deita na cama. Mal fecha os olhos, não consegue evitar o trabalho do seu cérebro: “Amanhã, quando ele me ligar, eu vou dizer que gostei muito dele. Não, melhor, vou fazer de conta que não me lembro. Será que ele vai me ligar amanhã? Será que ele vai me ligar mesmo? Quando ele me ligar eu vou dizer que...” – e pega no sono desejando sonhar com ele.

No dia seguinte, já de noite, você morre de vontade de receber aquela ligação que o relógio sugere que não vai chegar nesse dia. Procura no bolso do dia anterior o papelzinho com

o número dele – com receio de não encontrá-lo – e o deixa apoiado ao lado do telefone, mas não liga para conservar o orgulho.

Dias depois, você cansa de ver aquele papelzinho, que nem proposta do diabo para comprar sua alma, e tem a brilhante ideia de enviar um torpedo perguntando a quem pertence aquele misterioso número que você achou por acaso no seu bolso – aí, ele com certeza iria te ligar para te lembrar daquela maravilhosa noite e, assim, você poderia, mais uma vez, lhe responder fingindo não ter interesse.

Você sente uma inevitável desilusão quando ele te responde assinando com um nome diferente ao que te falou na danceteria. Porém, vai que é o segundo nome dele. E se ele mentiu, também não é tão terrível assim... afinal de contas, você também lhe disse ter alguns aninhos menos dos que atesta sua carteira de identidade.

Cansada da situação, você resolve ignorar aquele negócio do orgulho – que já não parece tão importante como antes – e liga para ele dizendo ter lembrado quem ele é. Com isso, você provoca uma conversa ocasional, escutando o que ele diz como se fossem coisas pouco relevantes na sua vida. Ele também lembra de você e daquela noite e é por isso que começa novamente com as cantadinhas pouco originais – aos poucos, regressa a satisfação e a cara com boca de acento circunflexo e olhos de travessão. É assim que, depois de um papo não muito profundo, vocês acertam o esperado encontro na porta de um restaurante baratinho que os dois conhecem.

O dia chega junto com o entusiasmo. Qualquer executivo de Hollywood sentiria vontade de contratá-la ao ver a dedicação com que você arruma o roteiro de sua chegada ao local do encontro. A duração do banho, a escolha da roupa, a chapinha, e até os mais mínimos detalhes são previamente calculados para chegar dez minutinhos mais tarde evitando ser a primeira na porta do restaurante.

Você chega lá e ainda não há indícios da presença dele. Está muito cansada porque é sexta-feira. Na verdade, faz bastante frio e ainda por cima há tanta umidade no ar que o tempo se torna uma grande ameaça para o seu cabelo. Mas a verdadeira desilusão aumenta à medida que as agulhas do seu relógio de pulso se afastam da hora combinada – você sempre odiou aquele relógio. É assim que você resolve desistir daquela espera depois de ligar no celular dele que, logicamente, está fora de serviço.

De volta em casa, fica com a maior raiva ao perceber no espelho do elevador que a maquiagem está fora do seu lugar e que o trabalho com a chapinha fora totalmente estragado pela umidade como se o orvalho te houvesse beijado durante uma hora e meia na porta de um restaurante de segunda categoria. E é assim que você percebe nos seus olhos que já não adianta fazer tamanho esforço para não chorar.

Está vendo? Eu lhe disse que sei perfeitamente o que você sente. Desculpe lá, mas está na hora de você ficar sabendo que a gente não faz isso só por ignorância. Muito pelo contrário: nós, homens, conhecemos as consequências das nossas reações mais egoístas. Du então, você acha que a gente gostaria de ficar uma hora e meia esperando e morrendo de frio? Por baixo do orvalho? Não é por aí não.

2009

IVÁN VILANO

ADIVINHA ADIVINHADOR

As histórias são contadas, um fato no momento em que acontece não é histórico. Que tem a ver isto com nossa crônica? No final de contas, esta crônica não vai ser histórica, vai ser a última deste ano que não é pouca história. É o ano dos netbooks e as histórias sobre o assunto “conexão” na sala de aula.

Nesta crônica, 60% Discurso Indireto Livre (D.I.L.) e 40% Discurso Direto Livre (D.D.L.) e sublinhado, beijoka. O químico vai se dar bem com esta fórmula, eu não sei que escrever. Tema livre. Título livre.

- Livre?

- É, livre.

- Livre, assim como?

- Livre.

- Como assim?

- Livre não literal, livre, qualquer coisa, o que você quiser. Não livre literal, livre.

Ela entendeu que livre era o nome da crônica, como se eu dissesse o título, escolham vocês! Escolhem nós ou que o nome da crônica é escolhem vocês. Nossa! A aula de literatura não é tão literal assim. O sentido não tão literal é que faz com que a literatura seja diferente do dicionário, do manual, de qualquer coisa, mas o nível literal desta aula vai além do imaginário.

Escrever utilizando D.I.L. é mais difícil do que dizer o que disse outro com as próprias palavras, do outro, mas que se mistura com as próprias palavras. É mais fácil do que vocês acham, utilizam o tempo todo só que não percebem. Um exemplo poderia ser, tínhamos música naquela aula? Logicamente eu não vou cantar, vou tentar manter a risada, mas acho que não vou conseguir mesmo.

Alguns levam o computadorzinho e outros não. Tinha conexão? Agora sim, agora não. Não tem conexão? Meninos! Eu sabia que esta questão dos notebooks ia ter coisas boas e coisas ruins. Bom é ter o computador, ruim é ter e que não funcione, é pior que não ter. Esse Ministério da Educação deve ter conexão. Ter um aluno com o computador na aula e sem conexão é uma guerra contra a pedagogia. Não há conexão pedagógica! O Facebook, o Twitter, o Messenger, o BlackBerry VS. a Didática, o Paulo Freire, o Ministro da Educação e tínhamos música naquela aula? E o governo continua a espalhar netbooks. Pensava que iam parar,

reorganizar e começar de novo para que o sistema funcionasse certinho, mas por enquanto é repartir netbooks. O software é bom, completo, variado, interessante, entretido, tem um pouco de história, um pouco de geografia, um pouco de idioma, mas os alunos não estão nem aí com isso, eles querem grudar uma foto de um artista, de uma personagem, da sua banda, dos seus amigos e tapar "Conectar Igualdad, Presidencia de La Nación".

Voltando a nossa aula, que sempre tem algum trecho de comédia, alguém tinha que perguntar hoje ia cantar? Quando ia trazer minha música, um dia tinha que trazer as músicas! É que ainda não estão prontas, mas quando estiver lembra de trazer. O negócio da comédia só entende quem esteve na aula escutando o coro polifônico em ação. O desafio é conter a risada o máximo possível. O que importa é a intenção.

Uma outra situação é a chave. O Camões tem uma porta de ingresso ao mundo que é um dos maiores sigilos da cultura portuguesa no Línguas Vivas. Se não tivermos *break* e sairmos para ir ao banheiro a pergunta obrigatória é se a porta estava aberta. Esta situação solene, do ato de entrega da chave, nem sempre acontecia na aula. Às vezes o soldado, que geralmente permanece estrategicamente situado na primeira sala, prévio cumprimento geral, até à próxima quinta, boa aula, entrega a chave à representante portuguesa oficializada pela embaixada e o ato de segurança sempre permanece em funcionamento. Tchau Rosinha! A outra cerimônia, entre as representantes da cultura portuguesa europeia, é a entrega dos xérox. Obsessivamente, cada aula tem o momento em que, embora nem sempre presenciássemos, acontece à passagem das fotocópias devidamente checadas para o material dessa aula. Conta, mas deveriam estar todas. E é mesmo assim, até que pode sobrar alguma xerox, mas faltar não falta não.

Logicamente esta crônica tem que terminar com discurso relatado (tomara que esteja certo) beijoka! Não, não, não, pera aí, pera, estão faltando as carinhas! 😞 Esta ia ser a primeira carinha de pele vermelha na existência do Instituto Camões em Buenos Aires. Para quê escrever verbos conjugados na segunda pessoa do plural se as carinhas são tão expressivas 😊. Se eu ler esta crônica no "Café Literário: Cronicando", vou imaginar muitas outras carinhas. Há colegas e até alguns professores, logicamente não presentes neste intercâmbio de literatura, que poderiam ser descritos com uma simples carinha de Língua IV 😞. Às vezes, uma carinha expressa tantos sentimentos... E se os professores descrevessem os alunos com uma carinha, faltariam ou sobriam carinhas? Vou utilizar esta atividade em Metodologia!

Acho que neste instante alguns de vocês devem estar pensando tantas coisas que seriam impossíveis de descrever com carinhas... melhor mudar de assunto. Na verdade, antes de mudar de assunto, seria bom esclarecer que o recurso gráfico utilizado pela titular da última das Línguas Portuguesas do Línguas, facilmente reconhecível por nós, falantes do português brasileiro, pela habilidade no apagamento de vogais não acentuadas, a carência de sons

africados e ausência de vogal epentética é ainda mais complexo. Com o acréscimo da devolução das reformulações das crônicas entra na cena o já estudado “paratexto”. A caligrafia da Sônia é mesmo um dos seus dotes invejáveis, essas letras curvas, que parecem desenhos, produtos da leveza da mão, o espaçamento entre uma e outra letra, a quantidade de tinta e a variação na largura e altura, fazem sentir que o texto escrito foi importante (eu teria de estudar caligrafia para escrever com esse estilo). Em minha opinião, as carinhas são o carimbo de Língua IV. Não deve ter pessoa alguma que tenha passado sem levar uma carinha de lembrança. Duvido, sim, da pessoa que tenha levado uma carinha “infeliz” da professora.

2011

LARA ARAÚJO SILVA

GUILHERME E LEOPOLDINA

Há alguns dias, me encontrei com um casal amigo, o qual não via fazia muito tempo.

Como vai, o que é da tua vida, perguntou meu amigo. Eu contei que estava muito bem e que este ano tinha trabalhado muito. Como é lógico, não contei tudo o que, realmente, aconteceu comigo (sofri um ataque cardíaco, mas estou muito bem, graças a deus) enfim, coisas que a gente não fica falando pros outros num encontro na rua.

A mulher do meu amigo, a Leopoldina, começou a me contar tudo o que eles tinham feito neste ano. Viajamos umas cinco vezes, porque gostamos muito de nos relaxar e quebrar a rotina do trabalho e do cotidiano...

Num cochicho, inaudível prá Leopoldina, ouço a voz do Guilherme dizendo, relaxar de qual trabalho se quem faz tudo em casa é a empregada...

Olhei pro meu amigo mas como não encontrei o olhar dele (pois ele olhava pro lado oposto ao que estava a Leopoldina) continuei a fazer de conta que escutava o papo da mulher do Guilherme. Acenando e dizendo, nossa, que bom! Ah, que legal! E coisas do tipo.

Depois perdi o fio da conversa da Leopoldina, que estava muito empolgada no monólogo dela, ela nem sequer percebeu que eu comecei a conversar com o marido em voz muito baixa pra ela não perceber. Entre murmúrios, ele falou que ela o único que sabia fazer era gastar o dinheiro que ele ganhava trabalhando.

(Mas ela cuida da casa e de teus filhos)

A profissão dela é a de torradeira do dinheiro alheio.

- SEU CRETINO! (como falou a mulher do personagem da crônica *A aliança* de Veríssimo)

Como podia dizer uma coisa dessas dela!!! Eu? Não, era o que ela estava pensando, ele pensava em comprar uma torradeira que viu outro dia numa loja a caminho de casa. Ah, tá, seria boa ideia porque a deles já estava ficando velha.

E, em seguida, continuou monologando, já não era de coisas que tinham acontecido mas que iam fazer, ou algo disso pois não escutava mais o que ela falava.

Ontem, voltei a encontrar com o Guilherme e não pude me conter, perguntei por aquilo que tínhamos cochichado enquanto a Leopoldina monologava (que ela achava que era uma conversa). Mas no fim de contas, como era o assunto? O casamento ia bem ou não? A mulher

dele dava uma versão cor-de-rosa e ele com seus comentários dava a ideia de que não estava tudo bem entre eles. Qual era a dele?

- Casamento é assim, meu chapa. Você tem que concordar com a patroa em tudo (ou quase tudo) pra se dar bem no relacionamento. Se não faço isso, vou acabar tendo que pagar uma nota num divórcio e, além disso, com certeza, vou ter que sustentar duas casas por causa das crianças. Acha que a Leopoldina vai sair para trabalhar se fica só com os meninos?

Entendo, disse eu, sem querer saber muito mais. É como diz meu colega português: as gajas são lixadas! Vai entendê-las!

Sabem como é: quem é que gosta de escutar as misérias dos outros? Eu fujo das pessoas que respondem: tô péssimo à pergunta que se faz, em geral, por educação ou cortesia. Pois já é suficiente ter que ouvir as queixas da minha família pra ter que escutar a dos outros.

2010

LEONARDO GARIZZIO

A ARTE DE PEDIR E O COSTUME DE DAR

A mulher pedia dinheiro para ir ao shopping comprar roupa. Eu dava.

A mulher pedia dinheiro para ir ao cabeleireiro. Eu dava.

A mulher pedia dinheiro para beber drinques com suas amigas. Eu não queria, duvidava, mas dava.

A mulher pedia compreensão. Eu compreendia, mas não entendia o motivo da minha compreensão. Também não queria sabê-lo.

A mulher pedia paciência. Eu lhe oferecia muita paciência, por isso, não entendia por que ela a pedia.

A mulher pedia para fazer o amor, pelo menos, duas vezes por dia, e todos os dias. Eu tentava, mas nunca conseguia (eu não conseguia, mas ficava satisfeito...).

A mulher pedia para assistir o programa feminino "Moda Europeia" no momento em que a gente jantava. Eu já ficava bravo, mas lhe dava o comando.

A mulher pedia para ligar o aquecedor, até quando a temperatura passava dos quinze graus! Eu ligava o aparelho. Suponho que eu já não sentia nem a temperatura do meu corpo.

Ela pedia, e eu consentia... Consentia, suportava, aguentava, ficava quieto. Eu não sabia por que era tão permissivo nas minhas decisões. É uma pergunta à qual, nem hoje, consigo responder.

- Acorda, cara! Você está dormindo faz muito tempo!

De criança, eu já era permissivo e altruísta. Na escola, por exemplo, eu emprestava meus brinquedos para todo mundo, ajudava meus colegas nas provas, comprava balas para aqueles que não tinham dinheiro, etc. Em todas essas situações, eu demonstrava minha generosidade. Eles pediam, e eu consentia...

Na adolescência, eu tentei mudar de atitude, principalmente com minhas namoradas! Elas pediam, e eu consentia, mas a grande diferença era que, nessa época, eu não tinha dinheiro para satisfazer todos seus desejos, que eram intermináveis.

Após namorar muitos anos com diferentes moças, eu achava que nunca ia me casar, porque isso significaria mergulhar no oceano feminino, sem uma ilha pertinho para descansar! Mas, as pessoas não fazem sempre o que consideram conveniente.

Eu me casei aos trinta anos. Nesse momento, cria "certa" a minha decisão. Não obstante, com a passagem dos primeiros anos, comecei a duvidar sobre o meu "sim, aceito" no registro civil. Já nas últimas semanas do matrimônio, não tinha dúvida, eu tinha errado! (- Filho, cuidado, as mulheres são lixadas). Aos poucos, essa frase se fixou na minha cabeça.

A mulher pedia, pedia, pedia, mas ela dava? Mmmm, nem sempre, só quando ela tinha vontade, quando ela considerava necessário ou quando ela tirava proveito da situação. Eu me dei conta das suas atitudes bem tarde, mas, graças a Deus, eu ainda estava a tempo...

Tomar decisões que modifiquem a própria vida é uma tarefa difícil, embora essa mudança produza efeitos favoráveis. Eu tinha certeza de que tudo o que se podia fazer, também se podia desfazer. E foi assim que o final, inevitável, chegou.

Homem, se você está querendo se casar com uma mulher, faça o favor de pensá-lo antes, pelo menos, vinte vezes!

Hoje, eu não sofro as consequências de conviver com uma mulher. Não tô preso. Faz oito meses que ninguém me pede nada, estou tranquilo, e isso tem um valor inestimável.

Às vezes, pensava que eu tinha me acostumado às "petições" dessa mulher, mas isso era uma ilusão passageira.

Ela sofreu, eu também, mas era necessário para minha saúde física e mental.

A mulher deixou de pedir. Será que ela tem outra vítima? Será que ela aprendeu a dar sem receber? Quem sabe...

A mulher deixou de pedir. Mas, na verdade, quando estou jantando, sozinho, e assistindo "Moda Europeia", sinto sua falta.

2010

LILIANA BUSTOS

COMO SE O ORVALHO TE HOUVESSE BEIJADO

Não sei do que estou à espera. Que você apareça à hora marcada? Acho isso um fato impossível. Não é nem a primeira nem a última vez que vou ficar de plantão esperando você aqui, neste banco de cimento.

Hoje cheguei cedo, tinha vontade de lhe contar tudo o que aconteceu durante o fim de semana. Desci do ônibus, atravessei a avenida, fitei para os lados da rua esperando ver você chegar. O tempo passava, mas você não aparecia.

Depois de alguns minutos as pessoas começaram a passar na minha frente, umas iam com mais pressa do que outras. Os ônibus passavam cada vez mais lotados, e eu continuava sentada à sua espera.

Procurei na bolsa um doce para me entreter e a surpresa foi grande porque o que consegui obter no lugar de uma doçura foi uma grande quantidade de diferentes objetos lá esquecidos e pouco úteis (com certeza, você também terá abundância desse tipo de elementos na sua bolsa). Aos poucos, fui pegando algumas coisas e o primeiro que apareceu foi um maço de cigarros (está aí dentro há uns meses, comprei-o quando fomos à última reunião que tivemos com nossos colegas), uma escova de dentes, um espelho, um pente, uma fotografia de nós há alguns anos.

Com desânimo, percebi que não tinha nem balas nem chicletes, então fui comprar à loja, perto da esquina. Aí compreendi que levava mais de uma hora esperando por você. Em seguida, decidi ir beber um café no bar que ficava ali na esquina mesmo. O interior do estabelecimento era muito aconchegante, a luz tênue que iluminava as mesas provinha das lâmpadas penduradas no teto. O ar cheirava a café gostoso, que acabava de ser feito. Os garçons e as garçonetes iam e vinham do balcão às mesas e vice-versa.

A espera em vão fez-me sentir triste e sentei em uma mesa perto da janela para poder me aperceber de sua chegada. De repente, eu vi através da janela que você se aproximava com movimentos apressados, você tinha o rosto brilhante, úmido, como se o orvalho te houvesse beijado, mas quando ficou mais próxima de mim, descobri que não era você quem se aproximava. Eu me enganei! A ansiedade fez com que eu visse você onde não estava. Após mais dois cafés, voltei para a rua, para o meu banquinho de cimento. Não sabia se valia a pena ou não continuar esperando por você (será que nossos encontros vão ter sempre essa espera tão longa?) Talvez você tenha passado a noite sem dormir e hoje não tenha podido chegar. Talvez

você tenha alguma novidade pela qual valeu a pena você me deixar esperando ou, possivelmente, terei de ficar esperando você mais uma vez para saber o que realmente aconteceu...

2009

MARCELA GIL

A CASA DAS PALAVRAS

Todo mundo queria entrar nela, todo mundo queria conhecê-la. Não por ser uma mansão extraordinária, mas porque em seu interior aconteciam coisas misteriosas. Pois é, lá dentro morava um guru, mais precisamente um pai de santo.

O guru em questão não era um homem moderno nem midiático. Ele era um pai à antiga, formado nos rituais de fé estabelecidos pela nação negra Jeje-Nagô, na tradição dos kimbundos.

O homem, miúdo, de tez morena e falar grave, parecia ser um cara normal, um ser corriqueiro. Porém, ele não era uma pessoa comum. O pai tinha poderes. E tão grandes eram, que com um simples olhar, ele podia enxergar e compreender a natureza da alma que estava em sua frente. Contudo, a vidência não era seu maior poder. O pai sabia fazer uma coisa que ninguém podia: sarar com palavras. Por causa disso, a casa dele foi batizada com esse nome e toda pessoa que lá entrava, encontrava em suas falas o conforto para sua alma ou não. Pois, há tantos estados de espírito como estrelas há no céu.

A variedade de pessoas e de assuntos que o pai tratava era enorme:

- Pai, eu tenho apanhado do meu marido e não sei mais o que fazer. Preciso da sua ajuda!

Logo o pai falava em surdina.

- Meu filho está muito doente e os médicos não acham a cura.

E o pai a falar no ouvido do desesperado.

O bom sucesso dos conselhos fez com que a casa se enchesse ainda de mais e mais palavras.

- Eu me sinto vazio... nada na minha vida tem sentido.

- Eu sou destrutado no meu trabalho e muitas vezes descarrego a raiva no meu filho!

Não quero mais fazer isso.

- Minha mãe morreu há dois anos e não deixo de pensar que foi por minha causa.

- Sinto vontade de matar... Outro dia, experimentei com um gato e gostei. Matar pode ser prazeroso. Sou louco por isso?

- Meu marido fugiu com minha melhor amiga. Eu só quero revanche!

- Há duas semanas que não consigo pregar os olhos. E quando durmo, só tenho pesadelos. Esta situação, Pai, me dá nos nervos. Não posso trabalhar nem pensar direito.

E o pai aí, sempre dando uma palavra de paz, sempre guiando, sempre ajudando, sempre sarando. Até que um belo dia, um jornalista de um programa de fofocas soube da existência deste homem diferente. E na tentativa de obter mais uns pontos de *rating*, começou a pegar no pé do pai. Agora a "Casa das palavras" parecia ter se tornado um "Caça palavras" e aos poucos, a nova realidade fez com que as pessoas começassem a fugir e a evitar o lugar. É compreensível, visitar um pai de santo não é socialmente muito bem visto. Imagina, aparecer nas manchetes do maior programa de fofocas, saindo da casa de um guru previsor do futuro! De jeito nenhum! Consultar pai de santo é coisa de ignorante, de quem não teve acesso à educação. Então, como por arte de magia, as pessoas começaram a preferir ficar presas de seus males a serem pegos pela televisão. Não passou muito tempo até que a cidade soube de seu primeiro assassinato. Foi por ciúmes, um homem matou o melhor amigo porque achou que ele tinha um caso com a esposa. Em pouco tempo, os hospitais começaram a receber mais doentes, os necrotérios mais casos de suicídio, os assistentes sociais mais casos de crianças violentadas e ninguém, até hoje, pôde explicar bem ao certo as causas dos terríveis acontecimentos. E você, caro leitor, pode?

2009

MARÍA CELESTE AGUIRRE

OS COMPUTADORES E EU

Indubitavelmente, vivemos num mundo super tecnológico. Quase todo mundo tem um celular, um computador, etc. Mas, se de computadores falamos, encontramos uma grande variedade de cores, modelos e tamanhos. Temos computadores, notebooks, netbooks, tablets, entre outros, que com certeza estou esquecendo, porém, aqui o importante não é falar dos computadores em si, mas sim da relação que eu tenho com eles.

Utilizo o computador muitas horas por dia, ora por trabalho, ora por lazer. Gosto dele e acho que foi uma invenção útil e interessante, mas meu pensamento muda quando ele se transforma em um problema matrimonial. Sim, como você leu, querido leitor: um problema matrimonial. O assunto é assim: quando eu chego a casa, sempre encontro meu marido sentado em frente do computador, cumprimento ele,

(Oi, minha bonita, estava esperando você. Como foi seu dia?)

dou-lhe um beijo e começo a contar tudo o que me aconteceu durante o dia. Após falar alguns minutos, percebo que ele não está me escutando como eu gostaria, então, começo a sentir ciúme dessa maquininha, mas, mesmo assim, continuo falando,

(Olha só, que bem.... Você fale que eu escuto tá?)

até que, farta da sua atitude, fico calada

(Deveria ter ficado com a Pati fofocando e tomando café com bolo)

e vou para outro lugar da casa, onde, obviamente, não esteja ele, nem o computador.

Na minha vida há muitos computadores e ainda que seja um elemento muito útil na época atual, devo reconhecer que não gosto da combinação marido-computador. Em casa, os computadores são meus inimigos e, às vezes, infelizmente, um mal necessário, como agora, por exemplo.

Nas férias, não levamos computadores. Eu adoro esses dias, pois tenho 100% da atenção do meu príncipe adorado. Ele olha nos meus olhos quando falo e está o tempo todo do meu lado, sou como "o computador" da sua vida! Mas quando voltamos essa percentagem de atenção baixa significativamente e começa, de novo, a batalha tecnológica entre os computadores e eu. Será que este ano também vou vencê-los? Tomara! Quero minhas férias 100% livre dessas "caixas inteligentes".

2011

MARÍA EVA PARISI

RATINHOS DE CHOCOLATE

Para algumas pessoas, a comida significa um problema, mas para outras, a comida está ligada a um prazer extremo, sublime, diria. As pessoas que pertencem a este último grupo renunciam à vida por um manjar próprio de um Deus romano tanto como por qualquer iguaria que se apresente na sua frente. E é deste jeito que o prazer pela comida se transforma em "Gula".

Mas eu me pergunto: o que é a "Gula"? Se formos procurar num dicionário, poderíamos achar que é o vício de comer e beber em excesso ou uma atração irresistível por doces e iguarias finas; se procurarmos também em algum livro religioso, poderíamos perceber que é definida como um pecado, e não de qualquer tipo, é mesmo um dos sete pecados capitais, daqueles que não têm o perdão de ninguém. E será mesmo deste jeito?

Para dizer a verdade, no meu caso, adoro comer! Sentar-me à mesa com família ou amigos para participar de um jantar é uma das coisas que satisfazem a minha alma, eu me entrego de corpo e alma ao saborear esse prato, ouviu bem: saborear, ou seja, desfrutar esse momento ao máximo, sem prejudicar meu tão sofrido corpo. Mas no momento da sobremesa, uma força sobrenatural se apodera de mim, para ser mais preciso, quando minha esposa aparece com seus famosos ratinhos de chocolate, não consigo resistir a esta delícia e esqueço de tudo, da companhia, da magia do jantar, dos meus filhos, da minha esposa, de tudo, fico com olhos, boca e coração só para eles e apenas consigo distinguir algumas vozes muito longe que me dizem:

- Deixa papai, eu também quero comer, por favor, nunca me deixou experimentar...
- Você não vai parar até me deixar viúva! Tá doido, chega!
- Ah... meu filho, gosto tanto de ver você assim, tão feliz...

Não consigo parar até o último ratinho entrar na minha boca e escutar uma voz interior que pede mais, mais, mais sem parar, sem importar nada, transformando um simples jantar familiar em uma peça de teatro onde eu sou o principal e único culpado de assassinar, sem compaixão, o herói amado por todos.

Por estas razões, defino, enquanto espero por mais alguns ratinhos de chocolate, que a "Gula", a glotonaria e porquê não também chamá-la a arte de comer engolindo vorazmente

todas aquelas comidas que fazem com que percamos a cabeça é, para mim, um ato que reflete nossas mais profundas fraquezas, esse não poder dizer não diante de tal tentação.

E você o que está achando da "Gula"? É pecado? É fraqueza? É só comida em excesso? Não se preocupe, pode ficar pensando, mas não esqueça que quem nunca foi guloso que atire a primeira pedra!

2009

MÓNICA ROSOSCHIK

CRIADO MUDO

Você alguma vez prestou atenção? Existe alguma coisa mais privada do que um criado mudo? Acho que não. Eu pelo menos tenho guardada parte da minha vida nele (materializada em objetos e papéis). Desde objetos que pertenceram a minha mãe, até lembranças da infância. Fotografias (todas!) de diferentes épocas da minha existência, de seres muito importantes - vovó que foi o ser que mais quis - e de outros que nem sei quem são.

Meus remédios, esses que terei de tomar pela vida fora, muito antes do café da manhã, e pelos quais acordo de madrugada e tomo meio adormecida (uma loucura para não esperar meia hora para tomar o café). Os cremes, para as mãos, para o rosto (porque nós as mulheres morremos para não ter rugas), para os pés e sei lá eu para que mais!

Nem falar nos livros. Não pode faltar aquele que estou lendo agora, mas também não o que comecei, mas deixei por enquanto. Não acontece isso com você, ler mais de um livro de cada vez?

Ah! As gavetas, tantas coisas há nelas! Uma tremenda bagunça não me permite encontrar nada. Isto não é por acaso. Tem a ver com minha própria desordem interna. Às vezes, me dá a louca e as ordeno, mas nem sempre.

Na primeira, encontramos a *bijouterie* e tudo aquilo necessário para a minha manicure. Ah! Não posso esquecer-me do termômetro. Está tão carregado de lembranças, saudades e preocupações de quando meus filhos eram criancinhas e meu marido corria sempre para ver se tinham febre. Não podia esperar para que passassem as 24 horas que dizia o pediatra que tínhamos que esperar (e olhe que tinha confiança absoluta nele) e saber se verdadeiramente era algo importante.

Do lado esquerdo, estão os papéis que não por acaso se encontram desse lado e que parece que procuram esse lugar para ficar bem protegidos, tanto que depois não os acho nunca.

Não, não é um móvel qualquer. É pequeno como todas as coisas, que não precisam de ser grandes para mostrar sua importância e que estão condenadas a morrer sem maiores pretensões, só a serem essenciais. É o meu criado-mudo. Você tem o seu?

2011

PAULA DE ALOYSIO

UMA CERVEJA

Uma cerveja.

Uma cerveja igual às outras.

Uma cerveja que brilha no meio de tanta bebida sem graça.

Uma cerveja que me chama. Olho-a. Ela brilha ainda mais. Resisto.

Uma cerveja alta, magra, loira. Sempre tive debilidade pelas loiras. Desde adolescente ficava olhando-as

(As morenas e ruivas também têm seu encanto)

maravilhado... Mas nada comparado a essa formosura.

Uma cerveja de pescoço longo e,

cê tá me ouvindo, Pedro? tô, amor, a tua amiga, a depilação na axila, o pelo encravado, corpo sensualmente suado me provoca.

Uma cerveja, companheira de alegrias e tristezas, um brinde em homenagem a um aniversariante, a um recém-nascido, a um recém-ido, testemunha de brigas, encontros, reencontros, discussões filosóficas, políticas, jogos de futebol e mulheres.

Uma cerveja,

e então quando ela tava depilando o buço,

minha deusa, minha Ninkasi, me rendo a você, vou sempre te louvar, sou teu humilde servo, o teu eterno admirador.

Uma cerveja, minha cerva, minha virgem, sobrevivente à voragem desses animais bebedores que engolem qualquer coisa que aparecer na sua frente,

tem álcool? quero!

sem apreciar o suave toque da tua espuma nos lábios e o doce sabor amargo do teu corpo.

Uma cerveja, eu prometi, prometi, prometi. Por que era que tinha prometido? Ah é! A reuniãozinha com a galera do clube, umas tantas geladas, a brincadeira com fogo

(não sei que tem a ver beber cerveja com brincar com fogo)

os bombeiros, a minha mulher, as mãos histéricas da minha mulher, os olhos vermelhos da minha mulher, os berros soprados da minha mulher. Eu fiquei impressionado com a sua

capacidade e resistência pulmonar. Realmente não dava para perceber que ela era fumante. Mas fiquei com medo que as veias da testa e do pescoço foram explodir

(não exagero)

e então aí prometi

oh meu amor, minha paixão, nequinha do meu coração, eu prometo, prometo que já não bebo, já não bebo (mas como dizia ehhe, hum, esqueci o nome, bom, tanto faz, como dizia um cara: "Promessas e bolachas nasceram para ser quebradas").

Uma cerveja, minha loira, vou ao teu encontro. Não me importo que os outros nos vejam, que a minha mulher esteja aqui, o desejo, o sentimento é mais forte. Oh meu amor, AHHH O QUE VOCÊ FEZ, SEU IDIOTA!, minha linda quebrada no chão!, NÃO VÊ POR ONDE CAMINHA, SEU BÊBADO!

(Ficou triste, é verdade, mas a tristeza não o impediu de vê-la)

Oh! Uma cachaça! Minha birita, mulher pura de águas claras...

2011

ROMINA HEIBER

DIÁRIO DE UM CASAL

<i>Maria</i>	<i>Manel</i>
<p>Estou tão cansada... Já não aguento mais essa situação. Vou ter que falar com ele. Mas... o que é que vou lhe dizer? Não posso contar para ele toda a verdade, ele ficaria zangado!</p> <p>Não sei porque me preocupo tanto, se ele merece mesmo a minha infidelidade!</p> <p>Todo esse tempo tentando ser uma boa esposa, uma amante fogosa, uma companheira perfeita, e tudo para quê? Para nada! Esse miserável de Manel faz tempo que não olha para mim, nem percebe quando eu estou ou não em casa. É triste mesmo, mas desde que conheci João...</p> <p>João... esse, sim, que é um homem de verdade! Ele está me elogiando o tempo todo, sempre está atento às mudanças que eu faço no meu cabelo, liga para mim todos os dias, sempre quer me ver! João é maravilhoso!</p> <p>Pena eu não ter conhecido ele antes! Se tivesse estado por perto, eu não teria casado com esse babaca de Manel!</p> <p>Mas agora é que estou em problemas. João quer me levar com ele a uma ilha no Caribe e não sei como dizer tudo isto para Manel! Ele nem imagina que eu estou com outra pessoa faz quase dois anos. Coitado dele! É tão estúpido que nem isso percebe!</p> <p>Esse assunto me está deixando bastante</p>	<p>Sou tão feliz! Depois de tudo o que sofri perto dessa bruxa de Maria, por fim, a vida está do meu lado! Que mulher insuportável! Agora sim, a minha vida vai mudar!</p> <p>Não sei como vou explicar isto para ela. Vai ser muito difícil para Maria compreender essa situação. Ela acha que eu estou super apaixonado por ela e que vou morrer ao seu lado, mas não é assim...</p> <p>De fato, desde que conheci João, soube o que era o amor verdadeiro. Ele me compreende, me escuta e me dá tudo o que eu preciso. Não como essa louca da Maria que já não sabe o que fazer para transformar a minha vida em um pesadelo!</p> <p>É eu, como um babaca, sempre tentando não incomodá-la, não falar muito para ela não zangar-se comigo, e tudo para quê? Para nada!</p> <p>Pena eu não ter conhecido João antes! Teria poupado tanto tempo de infelicidade!</p> <p>Agora me sinto feliz, pleno, cheio de vida e de projetos.</p> <p>João me convidou para morar com ele em uma ilha do Caribe! Estou tão contente! Mas tenho um problema: se chama Maria. Não sei o que vou fazer com ela.</p> <p>Essa situação está chegando ao fim e sei que</p>

<p>nervosa, mas já chega. Ponto final! Vou para o Caribe com João. Essa noite vou falar com Manel aconteça o que acontecer.</p>	<p>não posso continuar vivendo assim. Devo falar com Maria, e acho que o dia vai ser hoje! Essa noite vou falar com ela aconteça o que acontecer.</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

2009

ROSA DA SILVA

A JUVENTUDE DE ONTEM VS. A JUVENTUDE DE HOJE

A pergunta é: *os jovens de hoje em dia fizeram mudanças radicais comparando com os da minha juventude?* Pois, posso afirmar que não. Eles mudaram muito em todos os sentidos: conduta, roupa, cortes de cabelo, modos de expressão, de pensar, até. Mas julgo que a essência é a mesma. Vou explicar, a título de exemplo, como os jovens da minha época se preparavam para festejar o *Día de la Primavera*, e como, hoje em dia, se preparam os jovens para dar as boas-vindas à estação no 21 de setembro.

Na atualidade, elas, independentes, telefonam, marcam encontros e reúnem-se nervosas nos seus quartos, onde podemos ver vestidos, saias, calças, sandálias, meias, etc. espalhados por todos os lados. Eles também se reúnem nervosos à espera que as raparigas decidam o lugar para festejar esta data e que lhes liguem para realizar o tão esperado convite e, então, eles possam atender de modo indiferente (no sé si tengo ganas...), para que, então, elas peçam "porfi, dale, vamos a pasarla bomba". Então, os rapazes, com um sorriso irónico, dizem "Ok, vou tentar ir". Mas quando desligam, os moços - que na maioria das vezes estão todos juntos fechados num quarto a roer as unhas à espera que elas liguem - quando desligam e já têm tudo certinho, pulam e pulam - até parece que o edifício vai estourar. Na realidade, não deveria dizer estourar, é um termo da minha adolescência, e entre a minha e a dos meus filhos passaram 27 primaveras. Devo antes dizer, explodir!

No entanto, alguma coisa permanece imutável. Quando passo em frente ao quarto dos meus filhos, percebo a mesma impaciência da minha época. O meu filho e os seus amigos reunidos no quarto: uns deitados no chão, outros na cama, outros a dançar com a cadeira de rodinhas, todos reunidos a fazer conjeturas acerca das miúdas que vão, quem fala com quem, quem gosta de quem, se tal rapariga tem olhos verdes ou azuis, se as saias são curtas, etc. Até posso afirmar que permanece inalterada a forma como eles disfarçam que esta festa é coisa só de mulheres (percebo isso, quando passo pelo corredor e vejo os cadernos e os livros todos numa ordem de estudante que está a preparar o exame de entrada para a universidade e não uma festa da primavera), embora se veja claramente o nervosismo provocado pelo facto de as raparigas das quais eles gostam ainda não terem ligado.

O clima é o mesmo da minha adolescência. Na véspera da semana da primavera, os stocks de perfumes, de ambos os sexos, esgotam. A ansiedade que estas meninas e meninos sentem é a mesma da qual nós padecíamos. Elas sofrem, hoje em dia, de uma angústia que as

deixa desatentas e eles parecem parvos. Os professores, já escaldados, sabem que, nessa semana, falar com eles é o mesmo que falar para as paredes, porque os alunos só sabem suspirar. Então, preferem nem marcar testes, é inútil, pois de antemão já se adivinha a nota e é melhor nem dizê-la.

Chega a hora do encontro: agora, ali no quarto, as meninas fazem as mesmas coisas, as mesmas perguntas. Desespero de última hora. No entanto, podemos dizer que há uma diferença técnica entre a minha e esta geração, eu tinha apenas o telefone fixo, tínhamos de falar baixinho para que ninguém soubesse da nossa vida e depois íamos dormir até ao outro dia, mas ficava logo tudo programado. Agora, os adolescentes passam a noite toda à frente do computador no paleio e batem as duas e pensaram uma coisa, batem as três e mudaram o local de encontro. Apesar de os computadores estarem em rede e não obstante estarem constantemente em contacto, não é suficiente e a partir das quatro da manhã, começam os telemóveis a soar com desespero - ainda bem que têm belas músicas para que nós, os pais, continuemos no nosso *relax*, se se pode chamar *relax* a isso. Mas a essência é a mesma, só a vivem de modo diferente.

Chega o sagrado dia e nós, os pais, já estamos com o coração na boca - cuidado filho, olha o que vais fazer, gozem, dancem, riam, mas sejam responsáveis. E eles dizem-nos - ok, mãe, já sou um homem, sei bem o que devo fazer, não sou uma criança (isto permanece imutável; na minha época, os pais diziam as mesmas coisas e nós acreditávamos, igualmente, que já éramos adultos e que já conhecíamos bem a vida - puro engano). As meninas estão todas primaveris, não obstante o dia que lhes tocou na rifa: frio e ventoso ao ponto de cair uma terrível tempestade. Felizmente, isso também permanece imutável. Querem estar bonitas para eles (como sofreriam se fossem obrigadas a usar uniforme da escola!).

Posso afirmar que há uma diferença entre esta geração e a minha: a atual não recorre aos poderes superiores. Nunca as vejo a rezar na época preparatória da primavera. Nem a pôr sobre a mesa santinhos de Santo António. Na minha época, *no Dia de la Primavera*, antes de sair de casa, as raparigas passavam em frente à mesinha dos Santos, parecia uma romaria. Os Santos recebiam com olhar complacente as promessas que, de facto, sabiam que seriam esquecidas.

Finalmente, podemos acreditar que a juventude não fez uma mudança radical. Os adolescentes de hoje têm a mesma essência dos de ontem, o que têm é modos diferentes de reagir. Mas a juventude será sempre uma e indivisível. Ansiosa, sofredora, *chat* no máximo. É por isso que aconselho ao Homem que não faça nunca um crescimento total, que tenha toda a vida um coração adolescente, embora dolorido um dia, sorridente no outro. Mas é sincero, com uma essência jovem, o corpo é só casca.

SANTIAGO URE

O FIM DO MUNDO

Poderíamos afirmar que há vários fim do mundo, apesar de a frase carregar consigo um espírito evidentemente singular. Não vou, aqui, nestas linhas tortas, entrar no terreno de São João Evangelista, que com certeza escreveu certo. O fim do mundo em sua forma mais pura, com ressurreição dos mortos, etc. Não posso adicionar muito a seu Apocalipse, visto tratar-se de uma obra brilhante. Portanto, longe de mim, essa pretensão.

Um tanto mais afastada dessa noção do fim do mundo, temos o fim do mundo como expressão egoísta e egocêntrica. Este seria um fim do mundo individual, acontece alguma coisa inesperada e “é o fim do mundo!”, ouvimos. Novamente, não é sobre este fim do mundo que vou tratar nestas linhas, pois há séculos que a tragédia, o cinema, o romance e a novela o têm feito de uma maneira muito mais interessante do que eu poderia descrever.

Então, Santiago, tem algum outro fim do mundo? Sim, é claro! Um fim do mundo muito menos óbvio do que você pensa, um fim do mundo cotidiano em alguns casos, que talvez você tenha assistido sem sequer perceber, passou do seu lado na rua e você continuou andando indiferente.

Há pouco tempo, li em um jornal desses que ficam boiando na mesa dos cafés, que em Buenos Aires fecham a cada dia mais farmácias atendidas pelos donos, aliás que tenham um dono visível, porque todos preferem correr para essas farmácias tipo shopping center, comprar o remédio de embalagem colorida, pagar com cartão de débito e voltar correndo de carro para suas casas. E lá na matéria, estava um senhor de uns 90 anos, com seus olhos tristes de quem teve que fechar a sua farmácia, olhos de quem não entende direito ainda o que aconteceu. O que resta a este senhor de olhos de farmácia fechada? Nada, andar na rua de manhã e ver como o seu mundo mudou, lembrar da infância...

Certa vez, no começo do século XX, um grupo de fazendeiros encontrou na Califórnia o último aborígine da América do Norte criado sem contato com a civilização europeia ocidental. Após o contato com o homem branco, ele passou a morar no museu de uma universidade, lá ele foi chamado de Ishi, que queria dizer “homem” em sua língua, yana, da qual ele era o único falante vivo. Porém, quando perguntaram o verdadeiro nome, ele respondeu que não tinha, porque não havia ninguém para nomeá-lo. Em 1916, ele morreu, do mesmo jeito que morrem os últimos falantes de uma língua, levando consigo o mundo, deixando o fim do mundo.

Portanto, se for verdade a teoria de que há tantas conexões neuronais quanto estrelas no universo, cada vez que alguém morre, acaba-se algo único, um mapa cerebral impossível de ser repetido, cheio de redes que contêm um mundo. Acabará o mundo quando morrer o senhor com olhos de farmácia fechada, também acabará o mundo quando morrerem: a última pessoa que tenha ouvido o Gardel cantar, a última que tenha visto Bruce Lee, a última que tenha prestado atenção quando alguém contou um segredo que ninguém mais ouviu, a última que tenha lido um livro feito de papel. E, finalmente, acabará o mundo quando morrer a última pessoa que tenha lido esta crônica, sendo então o meu fim do mundo.

2009

NOTA DA ORGANIZADORA

As crônicas constantes neste livro, *Cronicando II*, "As coisas da vida", "O amor dos animais", "O fim do mundo", "Os computadores e eu", "Como se o orvalho te houvesse beijado", "Ratinhos de chocolate", "A casa das palavras", "O desencontro", "Maria/Manel" foram escritas a partir dos títulos dos seguintes autores e respetivas publicações/obras:

"As coisas da vida" in Antunes, António Lobo (1998). *Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

"O amor dos animais" in Antunes, António Lobo (1998). *Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

"O fim do mundo" in Antunes, António Lobo (1998). *Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

"Os computadores e eu" in Antunes, António Lobo (1998). *Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

"Como se o orvalho te houvesse beijado" in Antunes, António Lobo (2002). *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

"Ratinhos de chocolate" in Antunes, António Lobo (2006). *Terceiro Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

"O desencontro" in Dias, Cidália (2010, 11 de Setembro). O Sexo e a Cidália. *Notícias Magazine*, p.66.

"La casa de las palabras" in Galeano, Eduardo (1991). *El libro de los abrazos*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores.

"Maria/Manel" in Gameiro, José (2008, 6 de Setembro). Diário de um Casal, *Única*.

As crônicas que se encontram compiladas nesta edição foram escritas por estudantes durante a frequência da disciplina *Língua Portuguesa IV*, lecionada pela Leitora IC Buenos Aires, Sónia Dias Mendes, anos letivos 2007 a 2012, no curso de *Profesorado en Portugués* no *Instituto de Enseñanza Superior en Lenguas Vivas "Juan Ramón Fernández"* (Buenos Aires, Argentina).

organiza

Sónia Dias Mendes

- Instituto Camões Buenos Aires -

escrevem

Alejandro Caramia

Alejandro Leanza

Analía da Silva

Andrea Levitt

Cintia Gomez

Federico Polastri

Fernanda Flores

Guillermo Jiménez

Ignacio Spina

Iván Vilano

Lara Araújo Silva

Leonardo Garizzio

Liliana Bustos

Marcela Gil

María Celeste Aguirre

María Eva Parisi

Mónica Rososchik

Paula de Aloysio

Romina Heiber

Rosa da Silva

Santiago Ure

com o apoio

